

# 1

# XAMANISMO: PREPARANDO O PALCO

Raongi está sentado imóvel junto à luz da fogueira quase extinta. Sente o corpo flexionar-se por dentro, o que o faz pensar no acto de engolir uma enguia. No momento em que formou este pensamento, a cabeça de uma enguia, enorme e banhada num azul eléctrico, surgiu obedientemente no espaço escuro por detrás das suas pálpebras.

"Espírito-mãe da primeira cachoeira…"

"Avó dos primeiros rios…"

"Mostra-te, mostra-te".

Respondendo às vozes, o espaço escuro por detrás da aparição da enguia, que agora girava lentamente, encheu-se de fagulhas; ondas de luz saltavam cada vez mais alto, acompanhadas por um rugido de intensidade crescente.

"É a primeira maria". A voz é de Mangi, o xamã mais idoso do povoado de Jarocamena. "Ela é forte. Muito forte".

Mangi fica em silêncio enquanto as visões o vão envolvendo. Estão à beira do Venturi, o mundo real, a zona azul. O ruído da chuva que cai no exterior é irreconhecível. Ouve-se um restolhar de folhas secas misturado com o som de sinos distantes. O seu repicar mais parece luz do que som.



Até há relativamente pouco tempo, as práticas de Mangi e da sua remota tribo amazónica eram práticas religiosas típicas em toda a

parte. Apenas nos últimos milénios a teologia e o ritual evoluíram para formas mais elaboradas — que não necessariamente mais úteis.

## O XAMANISMO E A RELIGIÃO COMUM

Quando cheguei ao Alto Amazonas, no início da década de setenta, acabara de viver vários anos em sociedades asiáticas. A Ásia é um lugar onde as cascas estilhaçadas das ontologias religiosas descartadas atulham a paisagem poeirenta como carapaças de escaravelhos cor de areia. Eu viajara pela Índia em busca do miraculoso. Visitara os seus templos e *ashrams*, as suas selvas e retiros montanhosos. Mas o ioga, chamado de uma vida inteira, obsessão de uma minoria disciplinada e ascética, não fora suficiente para me transportar às paisagens interiores que buscava.

Aprendi na Índia que, em todos os tempos e lugares onde a chama luminosa do espírito caiu na sarjeta, a religião não passa de um negócio. Na Índia, a religião encara-nos com olhos cansados de mundanismo, familiarizados com quatro milénios de politiquice clerical. Para mim a Índia hindu moderna era uma antítese e um prelúdio adequado ao xamanismo quase arcaico que descobri no curso inferior do rio Putumayo, na Colômbia, quando lá cheguei para estudar o uso xamânico das plantas psicadélicas.

O xamanismo é a prática da tradição do Paleolítico Superior consistindo na cura, adivinhação e teatralização baseadas na magia natural, que foi desenvolvida entre dez a cinquenta mil anos atrás. Mircea Eliade, autor de *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy* e a mais proeminente autoridade em xamanismo no contexto da religião comparativa, mostrou que em todos os tempos e lugares o xamanismo mantém uma surpreendente coerência interna de práticas e crenças. Quer o xamã seja um inuíte do Árctico ou um witoto do Alto Amazonas, permanecem certas técnicas e expectativas. A mais importante dessas invariáveis é o êxtase, um ponto que o meu irmão e eu levantámos no nosso livro *The Invisible Landscape*:

> A parte extática da iniciação do xamã é mais difícil de analisar, pois depende de uma certa receptividade do noviço a estados de

transe e êxtase; este pode sentir-se melancólico, um tanto frágil e doentio, predisposto à solidão, e poderá sofrer ataques de epilepsia e catatonia, ou alguma outra aberração psicológica (embora nem sempre, como sugeriram algumas pessoas que escreveram sobre o tema).[1] De qualquer modo, a predisposição psicológica para o êxtase determina unicamente o ponto de partida da sua iniciação: após uma história de doença psicossomática ou de aberração psicológica mais ou menos intensa, o noviço começará finalmente a sofrer de enjoos e transes iniciatórios; ficará como morto ou em transe profundo durante dias a fio. Durante este tempo, é procurado em sonhos pelos espíritos que o auxiliam, podendo receber instruções deles. Invariavelmente, durante este transe prolongado, o noviço viverá um episódio de morte e ressurreição místicas; pode ver-se reduzido a um esqueleto e de seguida vestido com carne nova; ou pode ver-se a cozer num caldeirão, devorado pelos espíritos, e recuperando de seguida a sua totalidade; ou pode imaginar-se a ser operado pelos espíritos, tendo os seus órgãos removidos e substituídos por "pedras mágicas" e sendo de seguida novamente suturado.

Eliade mostrou que, ainda que os motivos particulares sejam passíveis de variação entre culturas e até mesmo entre indivíduos, a estrutura geral do xamanismo é clara: o xamã neófito passa por uma morte e uma ressurreição simbólicas, o que é entendido como uma transformação radical numa condição sobre-humana. Doravante o xamã tem acesso ao plano sobre-humano, é um mestre do êxtase, pode viajar à vontade no reino espiritual e, mais importante, pode curar e adivinhar. Como observámos em *The Invisible Landscape*:

Resumindo, o estado ontológico do xamã é transformado de profano em sagrado. Ele não apenas efectivou a sua própria cura através dessa transmutação mística; ele encontra-se agora investido com o poder do sagrado, e portanto pode curar também os outros. É fundamental lembrar que o xamã é mais do que simplesmente um homem doente ou um louco; ele é um

homem doente que se curou, que está curado, e que deve actuar como xamã para conservar-se curado.[2]

Deve reparar-se que Eliade usou a palavra "profano" na deliberada intenção de criar uma ruptura nítida entre a noção do mundo profano da experiência comum e o mundo sagrado que é "Totalmente Outro".[3]

## AS TÉCNICAS DO ÊXTASE

Embora nem todos os xamãs usem a intoxicação com plantas para obter o êxtase, todas as práticas xamânicas buscam provocar o êxtase. Sons de tambores, manipulação da respiração, provações, jejum, ilusões teatrais, abstinência sexual — todos esses são métodos vetustos para entrar no transe necessário ao trabalho xamânico. No entanto, nenhum destes métodos é tão eficaz, antigo e generalizado quanto o uso de plantas contendo compostos químicos indutores de visões.

O costume de usar intoxicantes visionários vegetais pode parecer estranho ou surpreendente para alguns ocidentais. A nossa sociedade encara as drogas psicoativas como coisas frívolas ou perigosas, na melhor das hipóteses reservadas ao tratamento de doenças mentais muito graves, quando nenhum outro método eficaz se encontra disponível. Conservamos a ideia do curandeiro na figura do profissional médico que, através da posse de conhecimentos especializados, pode curar. O conhecimento especializado do médico moderno é porém de ordem clínica, afastado do drama de cada pessoa única e particular.

O xamanismo é diferente. Se são usadas drogas, em geral é o xamã, e não o paciente, quem as toma. A motivação é também inteiramente diversa. As plantas que usa o xamã não se destinam estimular o sistema imunológico ou as outras defesas naturais do corpo contra a doença. O que as plantas xamânicas permitem ao curandeiro é viajar até um reino invisível no qual a causalidade do mundo vulgar é substituída pelas racionalizações da magia natural. Nesse reino, a linguagem, as ideias e o significado têm mais poder do que a causa e efeito. As simpatias, as ressonâncias, as intenções e a vontade pessoal são ampliadas

linguisticamente através da retórica poética. A imaginação é invocada e por vezes as suas formas tornam-se visíveis. Na estrutura mental do xamã, as conexões vulgares do mundo e daquilo a que chamamos leis naturais são minimizadas ou ignoradas.

## UM MUNDO FEITO DE LINGUAGEM

As evidências recolhidas em milénios de experiência xamânica argumentam que, em certa medida, o mundo é de facto feito de linguagem. Contrariando embora as expectativas da ciência moderna, esta proposição radical está de acordo com boa parte do actual pensamento linguístico.

"A revolução linguística do século XX", segundo a antropóloga Misia Landau, da Universidade de Boston, "é o reconhecimento de que a linguagem não é apenas um instrumento para comunicar ideias sobre o mundo mas sim, em primeiro lugar, uma ferramenta para fazer o mundo existir. A realidade não é simplesmente 'experimentada' ou 'reflectida' na linguagem; ela é, de facto, produzida pela linguagem".[4]

Segundo o ponto de vista do xamã psicadélico, o mundo parece existir mais na natureza de uma expressão vocal ou de uma narrativa do que através de qualquer relacionamento com os leptões e bariões de que falam os nossos sumos sacerdotes, os físicos. Para o xamã, o cosmos é uma narrativa que se torna real ao ser contada e ao contar-se a si própria. Esta perspectiva implica que a imaginação humana pode agarrar o leme de estar no mundo. Neste ponto de vista combinam-se a liberdade, a responsabilidade pessoal e uma consciência humilde do verdadeiro tamanho e da inteligência do mundo, de modo a torná-lo uma base adequada para a autêntica vida neo-arcaica. Uma reverência pelos poderes da linguagem e da comunicação, bem como uma imersão neles, constituem as bases do caminho xamânico.

Por esta razão o xamã é o antepassado remoto do poeta e do artista. A necessidade de nos sentirmos parte do mundo parece exigir que nos expressemos através da actividade criativa. As fontes primordiais desta criatividade encontram-se ocultas no mistério da linguagem. O êxtase xamânico é um acto de rendição que autentica tanto o Eu

individual quanto aquilo a que ele se rende, o mistério do ser. Sendo os nossos mapas da realidade determinados pelas circunstâncias presentes, tendemos a perder a consciência dos padrões temporais e espaciais mais vastos. Somente através do acesso ao Outro Transcendente é possível vislumbrar esses padrões temporais e espaciais e o nosso papel dentro deles. O xamanismo aspira a este ponto de vista superior, que é alcançado através de um prodígio de destreza linguística. Um xamã é alguém que alcançou uma visão dos princípios e dos fins de todas as coisas e que pode comunicar essa visão. Para o pensador racional isto é inconcebível; as técnicas do xamanismo, porém, direccionam-se para este objectivo, sendo esta a fonte do seu poder. Entre as técnicas dos xamãs, a principal é o uso de plantas alucionogénicas, repositórios da gnose vegetal viva que se encontra, agora praticamente esquecida, no nosso passado remoto.

## UMA REALIDADE DIMENSIONAL MAIS ELEVADA

Ao entrar no domínio da inteligência vegetal, o xamã ganha de algum modo acesso privilegiado a uma perspectiva dimensional mais elevada sobre a experiência. O senso comum presume que, muito embora a linguagem se encontre em constante evolução, a matéria-prima daquilo que exprime a linguagem é relativamente constante e comum a todos os seres humanos. No entanto, sabemos igualmente que a língua hopi não tem tempos ou conceitos para passado e futuro. Como pode então o mundo hopi ser semelhante ao nosso? E os inuítes não têm pronome para a primeira pessoa. Como pode então o seu mundo assemelhar-se ao nosso?

Apesar das gramáticas das línguas — as suas regras internas — terem sido cuidadosamente estudadas, pouca atenção foi dedicada ao estudo do modo como a linguagem cria e define os limites da realidade. A linguagem talvez seja mais adequadamente compreendida quando pensada em termos de magia, pois o pressuposto implícito da magia é que o mundo é feito de linguagem.

Se a linguagem for aceite como o elemento primário do conhecimento, então nós ocidentais fomos tristemente enganados. Somente

as abordagens xamânicas poderão dar-nos respostas às questões que achamos mais interessantes: quem somos, de onde viemos e qual o destino para onde nos dirigimos? Estas perguntas nunca foram mais importantes do que hoje, quando nos rodeia a constatação do fracasso da ciência em nutrir a alma da humanidade. O nosso tédio não é apenas um tédio temporal do espírito; se não tivermos cuidado, a nossa é uma condição terminal do corpo e do espírito coletivos.

O preconceito racional, mecanicista e anti-espiritual da nossa cultura tornou impossível apreciarmos a estrutura mental do xamã. Somos cultural e linguisticamente cegos ao mundo das forças e interconexões que permanecem claramente visíveis aos que conservaram o relacionamento arcaico com a natureza.

É claro que quando cheguei à Amazónia, há vinte anos atrás, não sabia nada disto. Como a maioria dos ocidentais, acreditava que a magia era um fenómeno dos ingénuos e dos primitivos, e que a ciência podia fornecer uma explicação para o funcionamento do mundo. Nessa posição de ingenuidade intelectual, encontrei pela primeira vez cogumelos contendo psilocibina em San Augustine, no alto rio Magdalena, no sul da Colômbia. Mais tarde, e não muito distante dali, em Florencia, também encontrei e usei infusões visionárias feitas com trepadeiras *banisteriopsis*, o *yagé* ou *ayahuasca* das lendas *underground* dos anos sessenta.[5]

As experiências que tive nessas viagens foram pessoalmente transformadoras e, mais importante, apresentaram-me a uma classe de experiências vitais para a restauração do equilíbrio entre os nossos mundos social e ambiental.

Compartilhei da mente de grupo gerada nas sessões visionárias dos *ayahuasqueros*. Vi os dardos mágicos de luz vermelha que um xamã pode lançar contra outro. Mais reveladoras do que os feitos paranormais dos magos e dos curandeiros espirituais foram porém as riquezas interiores que descobri na minha mente no auge dessas experiências. Ofereço o meu relato como uma espécie de testemunha, um Homem Comum; se estas experiências aconteceram comigo, elas podem vir a fazer parte da experiência geral de homens e mulheres em toda a parte.

## UM MEMORANDO XAMÂNICO

A minha educação xamânica não foi caso único. De um modo ou de outro, milhares de pessoas concluíram serem as plantas psicadélicas, e as instituições xamânicas que o seu uso implica, instrumentos poderosos para a exploração das profundezas da psique humana. Os xamãs psicadélicos constituem presentemente uma subcultura mundial e em expansão de exploradores hiper-dimensionais, muitos dos quais são cientificamente sofisticados. Começa a tornar-se nítida uma paisagem, uma região que ainda mal se vislumbra, mas que está a emergir, chamando a atenção do discurso racional — e possivelmente ameaçando confundi-lo. É possível lembrarmo-nos ainda da forma como devemos comportar-nos, de como assumir o lugar correto no padrão interconectado, na teia contínua de todas as coisas.

O entendimento de como alcançar este equilíbrio sobrevive nas culturas esquecidas e maltratadas das florestas tropicais e dos desertos do Terceiro Mundo, e nas reservas para onde as culturas dominadoras desterram os seus povos aborígenes. A gnose xamânica pode estar moribunda; ela está certamente a mudar. Mas os alucinogénios vegetais que são a sua origem, a origem da mais antiga religião humana, continuam a ser um regato cristalino, tão refrescante como sempre. O xamanismo é vital e real devido ao encontro do indivíduo com o desafio e o espanto, o êxtase e a exaltação que induzem as plantas alucinogénicas.

Os meus contactos com o xamanismo e os alucinogénios da Amazónia convenceram-me da sua importância salvadora. Uma vez convencido, decidi filtrar as várias formas de ruído linguístico, cultural, farmacológico e pessoal que obscureciam o Mistério. Tive a esperança de destilar a essência do xamanismo, de descobrir o esconderijo da Epifania. Queria ver além dos véus da sua dança sinuosa. Como um *voyeur* cósmico, sonhei confrontar a beleza nua.

Um cínico do tipo dominador poderia contentar-se em rejeitar isto como ilusões da juventude romântica. Ironicamente, outrora eu fui esse cínico. Sentia a loucura desta busca. Sabia das dificuldades. "O Outro? A Beleza Platónica nua? Deves estar a brincar!"

E devo admitir a existência de muitas desventuras loucas pelo caminho. "Devemos tornar-nos os loucos de Deus", instou-me certa vez um entusiasmado amigo zen, querendo dizer: "Mete-te à estrada". Procurar e encontrar era um método que funcionara para mim no passado. Eu sabia que na Amazónia sobreviviam ainda práticas xamânicas baseadas no uso de plantas alucinogénicas e estava determinado a confirmar a minha intuição de que por detrás desse facto havia um grande segredo por descobrir.



A realidade superou a apreensão. O rosto manchado da velha leprosa tornou-se mais horrendo quando as chamas da fogueira da qual ela se ocupava saltaram subitamente no momento em que colocou mais lenha. Na semi-obscuridade por detrás da mulher pude ver o guia que me trouxera até este lugar sem nome no rio Cumala. Antes, no bar da cidade ribeirinha, este encontro casual com um barqueiro disposto a levar-me a ver a milagrosa feiticeira do *ayahuasca*, lendária no local, parecera uma grande ocasião para uma história. Agora, após três dias de viagem pelo rio e de meio dia lutando por trilhos tão enlameados que ameaçavam arrancar-nos as botas a cada passo, eu não me sentia tão certo assim.

Neste ponto, o objectivo original da minha busca — o autêntico *ayahuasca* da floresta profunda, reputadamente muito diferente da lavagem que ofereciam os charlatães no mercado — praticamente deixara de me interessar.

"*Tomé, caballero!*" cacarejou a velha enquanto me passava um copo cheio do líquido negro e espesso. A sua superfície tinha o brilho de óleo de motor.

Ela deve ter crescido a representar este papel, pensei enquanto bebia. O líquido era quente e salgado, áspero e agridoce. Tinha o gosto do sangue de uma coisa velha, imensamente velha. Tentei não pensar no quanto me encontrava à mercê destas pessoas estranhas. Mas na verdade a minha coragem estava a vacilar. Os olhos zombeteiros de Doña Catalina e do guia tinham ficado frios e parecidos com olhos

de louva-a-deus. Uma onda de sons de insectos voltejando rio acima pareceu respingar a escuridão com cacos de luz afiada. Senti os lábios ficarem dormentes.

Tentando não parecer tão afectado quanto estava, dirigi-me para a minha rede e deitei-me de costas. Por detrás dos meus olhos fechados corria um rio de luz magenta. Ocorreu-me, numa espécie de pirueta mental onírica, que um helicóptero devia estar a pousar sobre a cabana, e foi esta a última impressão que tive.

Quando recuperei a consciência, parecia estar a surfar no tubo de uma onda de informações transparentes e iluminadas, com dezenas de metros de altura. O empolgamento deu lugar ao terror quando percebi que a minha onda acelerava em direcção a um litoral rochoso. Tudo desapareceu no caos trovejante do choque da onda informacional com a terra virtual. Mais tempo perdido e então a impressão de ser um marinheiro naufragado lançado para uma costa tropical. Sentia-me a apertar o rosto contra a areia quente de uma praia tropical. Que sorte tenho de estar vivo! Ou será que estou vivo para ter sorte? Desatei a rir.

Nesse ponto a velha começou a cantar. Não uma canção comum, mas sim um *icaro*, uma canção mágica de cura, que no nosso estado intoxicado e extático mais parece um peixe de recifes tropicais ou uma *écharpe* de seda com muitas cores do que um desempenho vocal. A canção é uma manifestação visível de poder, envolvendo-nos e deixando-nos seguros.

## O XAMANISMO E O MUNDO ARCAICO PERDIDO

O xamanismo foi maravilhosamente definido por Mircea Eliade como "as técnicas arcaicas do êxtase". O uso que Eliade faz do termo "arcaico" é importante aqui porque nos alerta para o papel que o xamanismo deve representar em qualquer renascimento autêntico das formas arcaicas vitais de ser, viver e compreender. O xamã consegue penetrar num mundo que se encontra oculto para quem vive na realidade comum. Nesta outra dimensão espreitam tanto poderes úteis quanto malévolos. As suas regras não são as regras do nosso mundo; mais parecem as regras actuantes nos mitos e nos sonhos.

Os curandeiros xamânicos insistem na existência de um Outro inteligente em alguma dimensão próxima. Não é possível esperar que a ciência se debata com a existência de uma ecologia de almas ou de uma inteligência desencarnada e emerja em seguida com as suas premissas intactas. Particularmente se esse Outro tem feito parte da cultura terrestre há muito tempo, presente porém invisível, compartilhando um segredo global.

Os textos de Carlos Castaneda e dos seus imitadores resultaram numa coqueluche de "consciência xamânica" que, mesmo confusa, transformou o xamã, de uma figura periférica na literatura da antropologia cultural, no principal modelo mediático para a entrada na sociedade neo-arcaica. A despeito da atracção que o xamanismo provoca sobre a imaginação popular, os fenómenos paranormais que ele presume serem reais e verdadeiros nunca foram levados a sério pela ciência modema, ainda que os cientistas, num caso raro de deferência, tenham chamado psicólogos e antropólogos para analisar o xamanismo. Esta cegueira por relação com o mundo paranormal criou um ponto cego intelectual na nossa mundivisão normal. Somos completamente inconscientes do mundo mágico do xamã. Ele é simplesmente mais estranho do que nós conseguimos supor.

Considere-se um xamã que usa plantas para conversar com um mundo invisível habitado por inteligências não-humanas. O tópico pareceria perfeito para manchete de um tablóide sensacionalista. No entanto, os antropólogos registam coisas dessas o tempo todo e ninguém ergue uma sobrancelha. Isto por tendermos a presumir que o xamã interpreta a sua experiência da intoxicação como tratando-se de comunicação com espíritos ou antepassados. A implicação é que o leitor ou eu interpretaríamos essa mesma experiência de modo diferente, não sendo portanto de espantar que um camponês pobre e desinformado pensasse estar a falar com um anjo.

Por mais xenofóbica que esta atitude seja, ela sugere um bom procedimento operacional, já que o que se diz é: "Mostrem-me as técnicas do vosso êxtase e julgarei por mim mesmo da sua eficácia". Eu fi-lo. Esta é a minha credencial para as teorias e opiniões que defendo. A princípio

fiquei chocado com o que descobri: o mundo do xamanismo, dos aliados, da alteração de forma e do ataque mágico é muito mais real do que as construções da ciência jamais poderão ser, porque esses espíritos ancestrais e o seu outro mundo podem ser vistos e sentidos, podem ser conhecidos, na realidade não-habitual.

Algo de profundo, inesperado, quase inimaginável espera-nos se encaminharmos as nossas atenções investigativas para o fenómeno dos alucinogénios vegetais xamânicos. Os povos que estão fora da história ocidental, aqueles que continuam na época onírica da pré-literacia, mantiveram acesa a chama de um mistério tremendo. Admiti-lo e aprender com eles será um acto de humildade, mas também isso faz parte do Revivalismo Arcaico.

Isto não implica devermos ficar de boca aberta perante as realizações dos "primitivos", em mais outra versão da Dança do Nobre Selvagem. Todos quantos já fizeram trabalhos de campo sabem dos choques frequentes entre as nossas expectativas sobre como deve comportar-se "o verdadeiro povo das florestas tropicais" e as realidades da vida tribal quotidiana. Ninguém compreende ainda a misteriosa inteligência que existe nas plantas ou as implicações da noção de que a natureza comunica numa linguagem química básica, inconsciente porém profunda. Não compreendemos ainda a forma como os alucinogénios transformam a mensagem que se encontra no inconsciente em revelações apreendidas pela mente consciente. Enquanto os povos arcaicos afinavam as suas intuições e os seus sentidos, usando as plantas que estivessem à mão para aumentarem a sua vantagem de adaptação, sobrava-lhes pouco tempo para a filosofia. Até hoje ainda não se manifestaram totalmente as implicações da existência dessa mente que os povos xamânicos descobriram no seio da natureza.

Enquanto isso, em silêncio e fora da história, o xamanismo prosseguia o seu diálogo com um mundo invisível. O legado do xamanismo pode actuar como uma força estabilizadora capaz de redireccionar a nossa consciência para com o destino colectivo da biosfera. A fé xamânica é de que à humanidade não lhe faltam aliados. Existem forças favoráveis à nossa luta para nascermos como espécie inteligente. São porém forças silenciosas e tímidas; elas devem ser procuradas não na

chegada de frotas extraterrestres aos céus da terra, mas sim aqui perto, na solidão da natureza selvagem, no ambiente das quedas d'água; e, sim, nos prados e pastagens que ora pisamos tão raramente.